

Avaliando a qualidade Do ponto de vista das crianças¹

Ole Langsted²

Fonte: LANGSTED, OLE. **Valuing Quality. From the child's perspective.** Danish Social Science Reserch Council, 1991.

Por força de uma longa tradição, foi solicitado aos especialistas em desenvolvimento físico e psicológico, nutrição, segurança, etc...que elaborassem os critérios acerca da estrutura dos Centros de Educação Infantil³ na Dinamarca. Isso permitiu que tais especialistas definissem os padrões de qualidade que deveriam ser satisfeitos para assegurar um bom e saudável desenvolvimento para as crianças. Para tal, o governo ouviu estes especialistas (mas nem sempre seguiu a risca seus conselhos) durante o processo de tomada de decisões. Os profissionais das instituições voltadas para a infância também foram considerados especialistas e participaram do mesmo processo. Graças a sua formação e contato diário com as crianças, sua opinião, sobre o melhor modo de tratá-las foi ouvido, embora não suficientemente como eles próprios diriam.

Em anos recentes tem havido uma tendência nos serviços públicos de levar mais em consideração os desejos de seus usuários. Portanto, com relação aos Centros de Educação Infantil, isto resultou na idéia de que os pais deveriam ter maior influência no cotidiano destas instituições. Que tal levar em conta a influência dos principais usuários – as próprias crianças? Alguém está interessado no tipo de vida cotidiana que as crianças querem? Alguém as considera como especialistas quando se trata das próprias vidas delas?

Este artigo descreverá várias experiências dinamarquesas e resultados de pesquisas preocupados em levar seriamente em consideração a opinião das crianças sobre o seu cotidiano.

O contexto dinamarquês

No tópico que insere neste livro, Claus Jensen descreve o desenvolvimento da educação infantil no contexto dinamarquês durante os últimos 10-20 anos. É evidente a mudança de uma situação na qual os adultos controlavam e tomavam as decisões nos Centros de Educação Infantil e onde deveriam ensinar alguma coisa às crianças,

¹ Esta pesquisa foi financiada pelo Conselho de Pesquisa em Ciências Sociais da Dinamarca e pelo Ministério do Serviço Social do mesmo país.

² Tradução livre de Deborah Thomé Sayão, revisada por Edna Duck e Brian Duck.

³ N.T. Na Dinamarca as instituições voltadas para a infância menor, são denominados Centros de Cuidados Infantis. Para efeito de uma aproximação com a nomenclatura brasileira utilizamos, na tradução, Centros de Educação Infantil que são as nossas creches e pré-escolas.

para uma situação na qual o cuidado infantil está em relação mútua com a idéia de interação adultos-crianças (crianças e adultos aprendem uns com os outros). Esta idéia de ouvir os desejos e necessidades das crianças, reflete uma tendência do século XX, que tem sido descrito como o “século das crianças”. Mesmo assim, é possível afirmar que as crianças ainda são muito pouco ouvidas.

O artigo de Claus Jensen descreve o contexto dinamarquês em detalhes e fornece a estrutura dentro da qual os artigos subseqüentes deveriam ser vistos. Conseqüentemente, eu apenas resumirei aqui algumas das mais importantes características da educação infantil no contexto dinamarquês.

Nos últimos 20-30 anos, as mães dinamarquesas estão cada vez mais ativas no mercado de trabalho. A princípio, elas se aproximaram lentamente do mercado de trabalho e, muitas vezes, preferiam trabalhos de meio período. Atualmente, 95% delas são participantes ativas do mercado de trabalho e, metade deste número, estão empregadas em tempo integral. Neste mesmo período, a sociedade dinamarquesa introduziu e organizou um sistema único de educação infantil e serviços de lar domiciliar, o que fez com que hoje haja matrículas para 55% das crianças de 6 meses a 2 anos (22% das quais atendidas em instituições de educação infantil); 72% das crianças de 3-6 anos (65% das quais atendidas em instituições de educação infantil); e 40% das crianças de 7-10 anos (39% em centros para crianças em idade escolar).

Porém, há ainda listas de espera, mas o objetivo do atual governo é ampliar as vagas para todas as crianças nos próximos anos.

A proporção adulto-criança nas instituições é alta comparada com outros países. Em média a relação adulto-criança para as crianças com idade de 6 meses a 2 anos é de 1 para 3. Entre 3 e 6 anos, a proporção é de 1 para 6 e entre 7 e 10 anos é de 1 para 8. Há muito poucas variações desta norma no homogêneo sistema de educação infantil dinamarquês. (Langsted e Sommer, 1992; 1993).

Embora o número de vagas nos centros tenha aumentado grandemente nos últimos 20 anos, influenciado pelo crescente número de mulheres aderindo a força de trabalho, as proporções adulto-criança pouco têm se alterado. Mas as teorias e práticas educacionais, sim.

Regulamento estatal: ouçam as crianças

O conteúdo educacional e as teorias subjacentes aos Centros de Educação Infantil não estão sujeitos a muita regulação estatal, sendo áreas descentralizadas de interesse, controladas principalmente pelos funcionários e pais em cada instituição. Entretanto, nos últimos anos, novos princípios gerais foram estabelecidos, os quais todos os centros, agora, têm que considerar.

1. Desenvolvimento das crianças, bem-estar e autonomia devem ser incentivados;
2. As crianças devem ser ouvidas;
3. Os pais devem ter influência;
4. As instalações do centro devem ser consideradas como um instrumento em associação com o trabalho de prevenção. Isto é, os profissionais devem, em cooperação com outros profissionais, assegurar a ajuda necessária a algumas famílias com crianças;
5. As instalações do centro devem ser consideradas como uma unidade das facilidades para crianças na circunvizinhança. Isto é, os funcionários dos centros, devem cooperar com as outras instituições tanto públicas quanto privadas;

O item 2 é, particularmente interessante em conexão com este artigo. Ele mostra que a batalha cultural pela influência que as crianças deveriam ter, agora, atingiu um estágio pelo qual tal influência pode ser requerida por lei. O princípio de ouvir as crianças está elaborado da seguinte forma:

“Deve ser enfatizado que as crianças devem ser incluídas no planejamento e na execução das atividades nas instituições de educação infantil, de acordo com sua idade e maturidade e que elas podem obter experiência na articulação entre influência e responsabilidade no plano pessoal e social” (Ministério dos Serviços Sociais da Dinamarca, 1990, cap 2).

Há, também, outros modos nos quais o Estado tem tentado aumentar a influência das crianças. Juntamente com a convenção das Nações Unidas sobre os Direitos Infantis, o Ministério dos Serviços Sociais da Dinamarca, publicou um grande número de folhetos e livros para crianças. A convenção foi descrita em três folhetos para três diferentes grupos de idades e distribuída para todos os escolares dinamarqueses com o objetivo de informa-los sobre seus direitos garantidos na Convenção. Por exemplo, foi solicitado a uma turma de crianças para expressar a convenção de forma que as próprias crianças pudessem compreendê-la. As crianças expressaram o extenso artigo 12, da seguinte maneira:

“As crianças têm direito a opinião própria, a qual deve ser respeitada” (Ministério dos Serviços Sociais da Dinamarca, 1991, pág 39).

Em um outro livro escrito por adultos para crianças de 3-6 anos de idade que freqüentavam centros de educação infantil e publicado pelo sindicato dos profissionais sem formação e duas organizações privadas que administram instituições desta natureza, as seguintes palavras são usadas sobre o mesmo tópico:

“Adultos têm muitas idéias fixas sobre como as coisas devem ser organizadas. As crianças têm suas próprias idéias e os adultos devem

ouvi-las. Adultos devem ouvir o que as crianças têm a dizer. Crianças também devem decidir coisas” (Borns Rettighder...,1991).

Deste modo, o Estado tem tentado atrair as crianças para o campo da influência e, ao mesmo tempo, o artigo 42 da convenção, o qual na palavra das próprias crianças, soa assim:

“O Estado deve garantir que todos conheçam estes artigos”. (Ministério dos Serviços Sociais da Dinamarca, 1991, pág 41).

O extenso projeto “Crianças Cidadãs” é outro modo mais direto de ouvir e incluir as crianças. O projeto foi instalado por um grupo interministerial preocupado com as crianças e o objetivo era aumentar a influência delas nas questões pertinentes a elas mesmas. Os objetivos mais específicos eram:

- proporcionar posturas com as crianças para discussão e verificação;
- trazer a prática cotidiana dos adultos para o debate;
- focalizar no cotidiano das crianças as suas possibilidades de participação na tomada de decisões;
- fortalecer as possibilidades das crianças e o direito de dizer coisas que são ouvidas e levadas a sério;
- dar informação às crianças que tornem a sua participação real na tomada de decisões possível;
- desenvolver métodos de trabalho e cooperação onde as crianças possam exercer sua influência. (Larsen & Larsen, 1992. p. 5).

O projeto foi executado em 5 municípios selecionados e incluiu muitos modos diferentes de ter uma influência. A maioria dos projetos envolveu adolescentes, mas alguns focalizaram-se em crianças mais jovens. O exemplo citado aqui é uma descrição de um professor de uma instituição de educação infantil sobre uma parte do projeto onde crianças da 7ª série de uma escola (idade entre 13-14 anos), queriam estudar o quanto as crianças de jardim de infância⁴ (idades entre 3-6 anos) tinham a dizer nos seus cotidianos. As crianças escolares fizeram observações no jardim durante dois dias e depois eles se reuniram com funcionários e com pais para relatar o que tinham observado e o que eles achavam sobre o que era bom e o que era ruim.

Depois, duas crianças (Tina e Morten da 7ª série) apontaram diversas áreas onde achavam que nós ignorávamos o direito das crianças. Nós fizemos algumas mudanças estruturais na organização diária de nossa instituição.

Tina e Mortem indicaram que:

⁴ N.T. Traduzido do vocábulo kindergarten

-Era improvável que todas as crianças estivessem com fome ao mesmo tempo e era, portanto, injusto que se esperasse que comessem todas ao mesmo tempo (o tempo que os adultos consideravam conveniente).

-Talvez seja saudável para as crianças saírem para brincar, mas somente se elas quiserem – e nada indicava que elas quisessem sair ao mesmo tempo, só que os adultos achavam que elas deveriam.

-Era injusto que as crianças pudessem apenas tomar água da torneira entre as refeições, enquanto os adultos podiam tomar uma xícara de chá ou café quando eles quisessem.

Os pais e os funcionários ouviram as opiniões de Tina e Morten e decidiram tomar as seguintes medidas: nós abandonamos o almoço comunitário, colocamos um funcionário no playground o dia inteiro e colocamos uma jarra de suco sobre a mesa para quando as crianças tivessem sede.

Além disso, nós decidimos dar às crianças o direito e o poder de tomar decisões importantes sobre o seu cotidiano nos centros, retirando este direito e poder que estava unicamente nas mãos dos adultos. Nós não tínhamos idéia do que nós tínhamos iniciado, especialmente do ponto de vista dos adultos, mas através dos anos, as crianças têm tomado um número crescente de decisões e o resultado é um modo de vida no qual realmente crianças e adultos interagem. Ainda é responsabilidade dos adultos introduzir as crianças no mundo social, mas incontáveis decisões agora são tomadas pelas crianças e nossos relacionamentos compartilhados é o que realmente importa.

Também as crianças mais jovens têm sido envolvidas no projeto “Crianças Cidadãs”. Nos projetos com estas crianças nós não temos perguntado às próprias crianças sobre o seu cotidiano, mas os profissionais e as famílias têm tentado descobrir e estar atentos às necessidades das crianças, seus desejos no dia-a-dia.

No “vuggestue” (centro de educação infantil para crianças de 6 meses a 2 anos), os profissionais têm estado ocupados com as regras e as normas destas instituições. Eles, freqüentemente, controlam o comportamento das crianças por meio de proibições. Supondo que, mesmo as crianças muito pequenas, tenham o direito de cuidar de si mesmas na vida diária e que elas são capazes de fazê-lo, os profissionais estão deixando de lado as regras e tentam ouvir mais as crianças. Isto significa, entre outras coisas que as crianças têm o direito de dizer não. Se uma criança não quer comer, você não deve forçá-la. E se uma criança deixa a mesa durante o almoço para fazer outra coisa, está tudo bem. Porém, ela não pode ir e voltar o tempo todo. Deste modo, algumas regras são preservadas. Entre outras, as regras que dizem respeito à segurança das crianças, mas muitas das antigas regras foram abandonadas.

Uma das conseqüências é que há menos conflitos entre adultos e crianças. Se você não tentar colocar a roupa na criança quando ela não quer, você evitará muitos conflitos. Por outro lado, há mais conflitos entre as crianças, mas isto é visto como um direito que também pertence às crianças – o direito de tentar resolver seus próprios conflitos. E, em muitas ocasiões, elas são capazes de fazê-lo.

No início, nem todos os pais estavam contentes com o projeto. Por exemplo quando era permitido às crianças pularem sobre os móveis no Centro. Como explicar a elas que isto não era permitido em casa? Entretanto, a prática tem demonstrado que as crianças são plenamente capazes de distinguir entre as regras provenientes da casa e as do centro, se as razões para tal forem explicadas para elas. Através de reuniões entre os profissionais e os pais e também da prática diária, as famílias têm, gradualmente, compreendido que as crianças são capazes de decidir mais por elas mesmas. (Larsen & Larsen, 1992).

O projeto “Crianças Cidadãs” tem sido acompanhado ao longo dos dois últimos anos. Por intermédio do cotidiano das crianças nos Centros de Educação Infantil, escolas, bibliotecas, clubes, etc...tentativas têm sido implementadas para encorajar a participação ativa das crianças na sociedade.

Estes exemplos mostram como a Dinamarca, mesmo em nível oficial, tem se tornado cada vez mais interessada em certificar-se de que as crianças são ouvidas e que são incluídas nas decisões mais importantes de seu cotidiano.

A cultura infantil

Também é atribuída importância aos desejos e necessidades das crianças em canais menos oficiais da Dinamarca. A pressão proveniente destes canais pode muito bem ter ajudado a influenciar a política oficial.

O Centro para Cultura de Crianças e Jovens da Universidade Odense tem estudado os modelos culturais próprios das crianças por diversos anos. O mito de que as atividades infantis são freqüentemente caóticas e sem sentido foi destruído. O Centro prefere ouvir as crianças e tentar entender coisas que os adultos acham incompreensíveis nos termos das crianças. Esta tática também permitiu ao Centro desacreditar no mito de que as crianças aprendem todas as coisas importantes na vida através de situações de ensino-aprendizagem organizadas pelos adultos. O exemplo seguinte tomado de Jessen (1993), revela um aspecto central de nosso método para a cultura infantil.

A cultura da brincadeira é usada pelas crianças da sua maneira. O método dos adultos é permitir que as crianças treinem por um longo tempo e depois executem a atividade do momento, uma vez que elas tenham aprendido a fazer direito. As crianças

não dividem o processo de ensino-aprendizagem desta maneira. Elas brincam, aprendem e treinam ao mesmo tempo. O jogo em si mesmo e as relações sociais são as coisas mais importantes. Habilidades e competências são sub-produtos.

Peter tem pouco mais de 6 anos de idade e frequenta um Centro. Ele ainda não frequenta a escola e vai começar suas aulas no jardim dentro de alguns meses. Mas ele já conhece aritmética. Ele sabe somar brincando e a aritmética é ainda uma brincadeira para ele. Ele passa uma boa parte do dia somando números em sua própria cabeça. Não apenas $2+2=4$ e outras tabuadas de multiplicação aprendidas por repetição, mas números variando de 2 até 30 ou 40.

Não é incomum para uma criança de 6 anos efetuar somas, é claro. Aritmética é uma das mais importantes habilidades em nossa sociedade e os pais frequentemente começam a ensinar as lições de soma aos seus filhos bem cedo. Mas este não é o caso de Peter. Seus pais afirmam que eles nunca tentaram ensinar aritmética a ele. Eles estão orgulhosos do ato de que o menino simplesmente parece ter aprendido aritmética naturalmente e confiantes de que, como resultado disso, ele terá sucesso futuramente.

Esta história provavelmente teria sido esquecida mas, de repente, o Peter começou a fazer aritmética com números maiores do que 100, contando em intervalos de 5 e 10 (o que pareceu estranho).

Peter tinha acabado de retornar das férias com a avó e, então, todos presumiram que ela tinha ensinado a nova técnica a ele.

Perguntaram o que ele tinha feito na casa da avó. Ele tinha aprendido aritmética? Não, ele respondeu. Mas ele tinha jogado um jogo de cartas com a avó. Cada jogador recebia 7 cartas que eram colocadas sobre a mesa em ordem e somadas. Algumas cartas valiam 5, outras, valiam 10. O vencedor era quem primeiro tivesse um total de 500 pontos. Quando perguntaram se ele próprio tinha feito a contagem, ele respondeu que sim, senão a vovó poderia estar trapaceando!

Vale a pena mencionar que havia diversas razões pelas quais Peter estava pronto para aprender aritmética. Ele tinha usado bastante aritmética durante as brincadeiras de “escola” com sua irmã mais velha, envolvendo seu primeiro aprendizado “não oficial” de como somar.

Peter aprendeu aritmética após algumas horas de aprendizagem com sua irmã de 9 anos e jogando cartas horas após com sua vovó.

Esta história mostra que as crianças são capazes de aprender habilidades sem necessitar de um sistema formal de ensino e que tais habilidades são um sub-produto de sua atividade central (brincar). Mas a questão desta história é que o jogo de cartas pode ensinar às crianças a somar sem pressão. A questão é que a história foi

percebida e considerada interessante porque lida com matemática, que é considerada uma habilidade complexa e importante na nossa sociedade. Se a história tivesse sido sobre aprender a caminhar, dançar, falar ou cantar, ninguém teria se lembrado. As crianças aprendem todas estas habilidades sem ninguém dar muita atenção a despeito do fato de que falar (por exemplo) é muito mais complicado do que somar números (Jessen, 1993).

Entrevistando crianças

A maioria das informações que nós temos sobre o desenvolvimento psicológico das crianças provém de adultos. Poucos projetos de pesquisa entrevistam as próprias crianças preferindo obter suas informações dos adultos que têm contato diário com as crianças. Em muitos casos, isto é porque a informação fornecida pelos adultos é considerada como sendo mais confiável e válida do que a informação obtida a partir das crianças.

Com relação a este ponto, (Tiller, 1988) diz que em muitos casos, é tanto relevante quanto necessário obter informações sobre a situação das crianças (e sua compreensão desta situação) a partir das próprias crianças. Ele pergunta como tal informação pode ser considerada como objetiva (isto é, confiável) e como a credibilidade das declarações das crianças, podem ser confirmadas.

O modo mais comum de determinar credibilidade é comparando com resultados de outras observações. Mas primeiro a credibilidade de outras observações deve ser confirmada. É possível que as observações, independentemente das crianças que nós usamos como critério de credibilidade, possam ser menos confiáveis do que as declarações das próprias crianças.

Há também o caso que, quando as informações fornecidas pelas crianças não combinam com as observações independentes, então as crianças nos dão exatamente a informação que é difícil obter usando qualquer outro método. Em alguns casos uma falta de credibilidade pode ser usada como argumento em favor do uso de informação fornecida pelas crianças, uma vez que tal informação não pode ser obtida por nenhum outro meio.

O problema da validade é outra questão:

“Validade depende se a criança está fornecendo informações sobre o fenômeno que nós desejamos estudar. Se nós estamos interessados nas experiências e interpretações das crianças o critério de realidade é difícil conseguir de qualquer outra fonte senão da própria criança. Em tais casos, validade depende parcialmente da consistência, da relação das partes com o todo, alguns relatis individuais podem ser compreendidos a luz do quadro completo obtido. Em virtude do sujeito em questão ser criança, o problema é que a nossa lógica de adulto tem regras sobre o que representa consistência

razoável e, para colocar de maneira simples: a lógica e consistência das crianças é diferente da lógica e consistência dos adultos”. (Tiller, 1988. p.42)

Em outras palavras, os problemas de credibilidade e validade diferem de quando entrevistamos crianças - mas este fato não significa que não se deva perguntar às crianças sobre suas próprias vidas, em todos os seus sentidos relevantes.

Um certo número de projetos de pesquisa tem usado entrevistas com crianças como método, particularmente quando o foco são as crianças maiores. Entretanto, nós ainda temos pouca experiência em entrevistas com crianças pequenas e é necessário muita imaginação e criatividade para criar entrevistas para este grupo etário. Aqui está um exemplo de como isto pode ser feito. O projeto BASUN⁵ é um estudo comparativo das crianças pequenas comuns em cinco países nórdicos: Dinamarca, Finlândia, Islândia, Noruega e Suécia.

BASUN é a abreviação (numa linguagem nórdica) de Infância, Sociedade e Desenvolvimento nos países nórdicos. Nós estudamos 123 crianças que vivem uma infância moderna normal. Normal significa que as crianças não tiveram contato com nenhum tipo de tratamento⁶. Infância moderna nos países nórdicos significa viver em arredores urbanos com pais que fazem parte da força de trabalho e a criança sendo cuidada fora de casa como uma regra comum. Nós estudamos quatro grupos de meninos e meninas de 5 anos: dois grupos morando com ambos pais biológicos. Um grupo de pais de classe operária e dois grupos morando somente com a mãe, com um raro ou nenhum contato com o pai e um com contato freqüente com o pai.

No Projeto BASUN, nós entrevistamos crianças de 5 anos de idade sobre sua vida diária.

Baseado na teoria de que as crianças adquirem habilidades e conhecimentos sobre seu contexto e sobre elas mesmas pela interação social que acontece todos os dias, o foco das entrevistas colocou as crianças como atores nas interações sociais cotidianas.

Antes de nós entrevistarmos as crianças, nós entrevistamos os pais e os profissionais do centro. Enquanto isso, as crianças foram observadas no cotidiano da instituição. As entrevistas com os adultos foram estudadas tão profundamente que nós tivemos uma visão detalhada da estrutura e conteúdo da vida diária das crianças antes de entrevista-las. Nós já tínhamos interagido com as crianças em questão (diversas vezes) antes das entrevistas. Por isso, as crianças já conheciam o entrevistador.

⁵ Participam deste projeto os seguintes pesquisadores: Lars Denrik; Anja Riitta Lahikainen e Harriet Strandell (Finlândia); Baldur Kristjánsson (Islândia); Agnes Andenæs e Honne Haarvind (Noruega); Gunilla Dahlberg (Suécia) e Dion Sommer e Ole Langsted (Dinamarca).

⁶ N.T. O texto não especifica qual tipo de tratamento.

No início da entrevista, nós fizemos questão de contar às crianças sobre o objetivo de nossa conversação. Nós mostramos que já tínhamos conversado com seus pais e com os profissionais que trabalhavam no centro e dissemos que nós já sabíamos muito sobre suas famílias e sobre a Instituição que freqüentavam. Além disso, dissemos também que eles eram os únicos que tinham 5 anos em sua família e, assim, eles poderiam ser os únicos que sabiam como era ter 5 anos. Nós tentamos tornar as crianças especialistas em suas próprias vidas. Muitas das delas, evidentemente, não estavam acostumadas a serem consideradas a mais importante fonte de informação sobre suas próprias vidas. Certamente não por um adulto que elas mal conheciam. E era óbvio que quando perceberam que elas eram importantes, isto as tornou altamente motivadas para tomarem parte ativa nas entrevistas.

Nós utilizamos tempo e espaço como fatores estruturais para as entrevistas. Perguntamos o que as crianças faziam num determinado dia de manhã e a noite, para que a rotina de uma dia formasse a estrutura das entrevistas. Crianças de 5 anos acham difícil ficarem sentadas e serem entrevistadas e, geralmente, é uma ajuda, um apoio (para o entrevistador) conduzir a entrevista no espaço em discussão. Assim, a conversação sobre o fluxo de acontecimentos da manhã a noite acontecem na casa da criança. A rotina diária leva uma criança do quarto onde ela acorda ao banheiro e depois de vestida para a cozinha e ao café da manhã. A entrevista segue o mesmo caminho, assim a criança leva o entrevistador a um exercício da vida diária dela.

A entrevista começa pela manhã com uma discussão sobre como era acordar. Nós pedimos a cada criança para nos mostrar onde ela acordava. Dentro do quarto, nós pedimos a criança para nos mostrar como ele ou ela deitava na cama e perguntamos como eles acordavam (alguém os acordava ou acordavam sozinhos?)

Andenæs (1991) oferece maiores detalhes destes aspectos das entrevistas e (tomando uma menina como exemplo) explica que: uma vez que os detalhes sobre acordar tinham sido esclarecidos, nós perguntávamos o que ela fazia quando estava acordada. Quando ela disse que ia ao banheiro, eu pedi se ela poderia mostrar o banheiro e ambos fomos até lá. Se o próximo passo fosse vestir-se, eu pediria a menina para mostrar onde ela guardava suas roupas e como ela se vestia. Eu aproveitei a oportunidade para perguntar por que suas roupas eram arrumadas daquela maneira.

As respostas a este tipo de pergunta podem revelar se a criança está consciente do seu papel nos acontecimentos da família ou se ela acha que os acontecimentos simplesmente acontecem ao acaso, sem nenhum motivo, sem ponderar as razões para os acontecimentos. A demonstração do vestir-se também dá uma oportunidade para perguntar o tipo de ajuda a criança recebe em várias situações

bem como o que ela consegue fazer autonomamente. Além disso, a descrição do que acontece em casa, pode ser comparada com o que acontece no centro ou em casa com sua babá.

Em outras palavras, entrevistar crianças fornece informações sobre suas próprias opiniões acerca de sua rotina diária, as quais não podemos conseguir por nenhum outro método.

A visão das crianças sobre qualidade

Afirma-se que a vida das crianças atualmente é dividida em diferentes mundos, o que é considerado negativo. Ou seja, esta compartimentação pode significar restrições ao seu desenvolvimento. É argumentado de que, em virtude das crianças participarem de várias situações sociais a cada dia de suas vidas, confusão (e na pior das hipóteses, apresentarem problemas de identidade) pode resultar.

No Projeto BASUN nós estudamos a vida cotidiana das crianças, em pelo menos dois mundos diferentes – na família e na instituição. Hoje em dia o traço característico da vida das crianças nos países nórdicos é que elas vivem em ambos os mundos, ainda em uma idade muito precoce. Tentando compreender este cotidiano, nós acreditamos que a distinção convencional entre a socialização primária e secundária é insuficiente. Nós preferimos falar de socialização dual para compreender a natureza dual do modo pelo qual crianças adquirem experiências dos dois mundos – a casa e o centro.

Nós estudamos crianças normais de 5 anos de idade, isto é, crianças que não foram submetidas a nenhuma forma de tratamento de longa duração. Estas crianças, são crianças modernas. Isto é, são crianças que moram em áreas urbanas com ambos os pais trabalhando, crianças que são educadas pelo sistema profissional de cuidado infantil. Nosso grupo de 123 crianças inclui aquelas que moram com ambos os pais biológicos e crianças que vivem apenas com suas mães, assim como crianças filhas de operários e crianças de classe média. A análise descrita abaixo inclui 24 crianças dinamarquesas, todas freqüentando uma instituição modelo ou o Centro para grupos de várias faixas etárias.

Para compreender as experiências das próprias crianças quando vivem em dois mundos diferentes e para avaliar o que as crianças consideram como qualidade em cada um destes mundos, nós submetemos nosso material de entrevista as seguintes questões analíticas (naturalmente estas não são as mesmas perguntas que foram formuladas nas entrevistas).

-Qual dos dois mundos era preferido e do que as crianças gostavam na vida em família e nos centros?

-Quem decide e o que é permitido a criança decidir em cada um dos dois mundos?

-Quais as regras que se aplicam em cada um dos dois mundos?

É difícil conseguir que uma criança de 5 anos diga o que ela gosta em sua família. A família é considerada uma coisa natural pelas crianças. Em outras palavras, a família é qualidade e todos os outros contextos são julgados em relação a família. Nós sabemos que isto causa problemas em outras áreas da vida. O sistema social está acostumado com a lealdade das crianças para com seus pais, mesmo pais que os negligenciam, batem ou abusam sexualmente deles. Mas a grande lealdade à família também se aplica ao que nós definimos aqui como crianças “normais”.

As crianças tinham muito mais a dizer sobre a qualidade nos centros. Quando nós perguntamos sobre o que as crianças gostavam mais nos centros, nós recebemos respostas diferentes, mas havia uma característica distinta em todas as respostas. O principal fator de qualidade nos centros é a presença de outras crianças. Esta é uma típica resposta.

Entrevistador: Vamos conversar um pouco sobre o seu centro: Você gosta de freqüenta-lo?

Crianças: Sim, eu gosto.

E: O que você mais gosta no Centro?

C: Há muitas crianças com quem brincar.

A presença de crianças, também é importante no ambiente do lar e isso é expresso de muitas maneiras: Por exemplo:

E: Onde você gosta de estar?

C: Em casa.

E: Por que?

C: Porque em casa eu posso brincar com as crianças que eu gosto.

Entretanto, o contato com outras crianças não é, necessariamente, sempre agradável para todas as crianças.

(Nós tínhamos acabado de discutir sobre ser apanhado no centro às 2 ou às 3 da tarde)

E: Qual hora você gostaria de ser apanhado?

C: Eu prefiro às 2 horas.

E: Por que?

C: Porque há muitas crianças que implicam comigo no centro.

Em outras palavras, a presença de outras crianças pode ser o maior atrativo de centro. Mas dependendo da situação, outras crianças podem tornar difícil ou até impossível freqüenta-lo.

Diversos fatores são mencionados como tendo importância secundária. (Aos três foi dado peso igual).

-atividades

-brinquedos

profissionais gentis

E: Você gosta que sua mãe saia para trabalhar?

C: Sim. No centro é sempre divertido porque há muitos brinquedos, muito mais do que eu tenho em casa. Às vezes nós recebemos brinquedos novos. Nós recebemos brinquedos novos no centro hoje. Missangas, caneta hidrocor, massa de modelar. Há também outros que eu não consigo lembrar.

E: É mais divertido às vezes estar no Centro do que em casa?

C: Sim (balançando a cabeça afirmativamente)

E: Por que?

C: Porque eu não gosto dos finais de semana. Eu preferiria estar no Centro.

E: Por que?

C: Porque eu não gosto de ficar em casa.

E: O que torna o centro tão divertido? O que mais você gosta no centro?

C: Quando nós saímos para passear e quando tiram fotos de nós. Eu gosto de brincar com meus amigos.

Os profissionais, certamente, desempenham um papel importante para as crianças, embora eles estejam longe de ser o fator mais importante. (que é o que os adultos freqüentemente acreditam).

Para as crianças, uma das mais importantes diferenças entre a casa e o centro é o quanto lhes é permitido decidir por eles mesmos nos dois espaços. Em geral, eles sentem que podem decidir bastante por eles mesmos em casa. Embora estejam conscientes que seus pais decidem em última instância, o que é um fato, geralmente, considerado natural. No centro, as coisas são um pouco diferentes.

E: Quem toma as decisões no centro?

C: Os adultos.

E: É permitido às crianças decidirem alguma coisa?

C: Sim. Com quem nós queremos brincar.

Outra crianças, disse:

E: As refeições, você decide mais em casa ou no centro.

C: Em casa, com a mãe e o pai.

E: O que lhe é permitido decidir em casa que você não pode decidir no centro?

C: O que eu como. No centro, nós recebemos o que a Grete faz. Ela decide. Eu não me importo. Mas eu não gosto de ver os adultos sempre de pé servindo a comida, porque eles deixam as crianças sozinhas.

A maioria das crianças aceita o fato de que os adultos decidem mais no centro. Elas parecem aceitar que a vida no centro é simplesmente assim e não têm dificuldade em aceitar tanto o sistema social no qual eles têm grande influência em pequenas tarefas rotineiras, quanto um sistema no qual os adultos decidem muito, muito, mais. Mas quando os adultos decidem mais, a criança é, às vezes, forçada a desenvolver estratégias para enfrentar a situação tal qual o exemplo abaixo:

E: Algumas vezes lhe dizem para fazer coisas no centro que você não gosta de fazer?

C: Fazer coroas ou alguma coisa com folhas. Eu não gosto, mas nós temos que fazer.

E: O que você diz quando lhe dizem o que você tem que fazer?

C: Eu digo que não. Então, eles dizem que eu devo fazer e eu digo: tudo bem, eu faço.

E: Por que você diz “tudo bem” no fim?

C: Porque eu não quero discutir com eles.

Entretanto, decidir por si mesmo é divertido até certo ponto, como mostra a história seguinte:

E: Como é no centro? Por exemplo: Há coisas que não é permitido fazer?

C: Sim, eu não consigo lembrar o que: uma vez eles nos permitiram fazer qualquer coisa que nós quiséssemos. Nós jogamos sanduíches de patê de fígado uns nos outros e nas janelas.

E: É isso o que vocês sempre fazem?

C: Não, só nos deixaram fazer uma vez. Todas as crianças pediram para decidir por si mesmas o que fazer. Algumas crianças fizeram as necessidades no meio da sala de brinquedos e nós jogamos os brinquedos por toda parte, mas não foi muito divertido limpar tudo depois.

E: Então vocês tiveram que limpar tudo depois?

C: Sim, e os adultos ficaram deitados nos colchões o dia todo.

E: Foi uma boa idéia deixar as crianças decidirem o que fazer?

C: Foi muito divertido, mas não foi nada divertido limpar tudo depois.

O fato de que é permitido às crianças diferentes graus de auto-determinação em seus dois mundos, é devido ao fato de que estes dois mundos têm regras diferentes. Acredita-se que estas regras e normas diferentes freqüentemente confundem as crianças. Mas a verdade é que as crianças não só têm apenas uma imagem clara das diferenças, mas também uma compreensão das razões para tais diferenças.

E: Existem regras no centro que não existem na sua casa?

C: Sim. Se você deseja descer para a sala comum, é preciso sempre pedir para um adulto de sua sala e, geralmente, apenas duas crianças de cada vez podem ir lá em baixo.

E: Por que você tem que pedir aos adultos quando você quer descer para a sala comum? Por que vocês não podem descer por vocês mesmos?

C: Porque às vezes nós fazemos guerra de travesseiros e eles fogem do controle.

E: O que acontece então?

C: Alguém pode começar a chorar ou levar um travesseiro direto no olho.

Ou outra criança:

E: Há uma diferença muito grande entre sua casa e o centro?

C: Sim. Muito, muito, grande.

E: Quais são as diferenças? Você pode decidir mais em casa?

C: Sim, regras ao comer – em casa eu posso decidir onde sentar para almoçar. E quando nós saímos, eles deixam eu decidir em casa. E quando nós comemos, quando eu quero comer alguma coisa, como uma cenoura ou maçã. Em casa, eu posso pegar na geladeira, mas quando eu estou no centro, eu só posso comer frutas e outras coisas...e...

E: Na hora certa?

C: Sim.

E: Você prefere estar em casa, então?

C: Sim.

E: Você acha estranho que haja uma diferença tão grande?

C: Sim. Eu não sei porque. Eu acho que deveria ser a mesma coisa, que não deveria haver diferença.

E: Por que?

C: Não. É mais fácil resolver para mim...em casa há somente três crianças. No centro...eu sei porque não nos é permitido levantar da mesa. É porque há tantas

crianças, não é? Então só porque alguém pede para tomar um pouco de leite e se for permitido, então todas as crianças vão querer também, não é?

E: É por isso?

C: Sim. É por isso que nós comemos na hora certa.

Porém, algumas crianças associam a diferença em regras entre a casa e o Centro, não por causa do controle e decisões dos adultos, mas com regras bem diferentes.

E: Há muitas regras para você obedecer no seu centro?

C: Eu não sei.

E: Há alguma coisa que lá não é permitido fazer?

C: Não é permitido ficar de pé no meio do gol, porque você levará uma bolada bem no joelho.

É muito difícil traçar quaisquer conclusões seguras do rico e variado material fornecido pelas entrevistas feitas com as crianças. Qualquer tentativa de fazê-lo, portanto, obscurecerá a variação e diferenças nas respostas delas. Mesmo assim, nós pretendemos tentar.

Não é difícil definir qualidade na vida das crianças atualmente. A família é considerada o modelo de qualidade. Mas as crianças também consideram o seu centro como uma representação de qualidade. Um estudo dos fatores específicos de qualidade envolvidos nos centros revela que as crianças consideram a presença de outras crianças o fator mais importante. Esta conclusão ressalta a importância de um fator que os especialistas, pais e profissionais têm conhecimento, mas tendem a esquecer de tempo em tempos. Isto é, que crianças são importantes para o desenvolvimento de crianças. E a conclusão também ressalta o fato de que é importante para as crianças terem um mundo no qual há espaço para o contato com outras crianças.

A presença de outras crianças, é o fator de qualidade mais importante. Porém, atividades, brinquedos e funcionários gentis, são, também, fatores de qualidade importante na visão das crianças. O fato de que os funcionários não são mais importantes do que os brinquedos pode fazê-los parecer supérfluos. Este não é, absolutamente, o caso. As crianças compreendem perfeitamente que os funcionários controlam a rotina diária, ajudando-os e confortando-os quando surgem conflitos que eles não podem resolver sozinhos. No entanto, os profissionais, certamente, não tem o mesmo *status* do que as outras crianças.

Qualquer discussão sobre a qualidade dos centros também deve incluir o outro lado da moeda: a preocupação de que a permuta entre a casa e o centro prejudicará a criança e o seu desenvolvimento. Na introdução acima, esta preocupação foi descrita como a preocupação de que a vida das crianças hoje em dia está dividida em dois mundos diferentes.

Quando nós perguntamos às próprias crianças sobre as diferenças entre sua casa e o centro, diferenças em termos de grau de autodeterminação e regras aplicáveis em cada ambiente social, parece que as crianças são perfeitamente capazes de entender tais diferenças.

Elas podem pensar que as diferenças são estranhas e que certas regras deveriam ser mudadas. Mas elas aceitam virtualmente todas as diferenças e muitas crianças demonstram compreender as razões para as diferenças adotadas.

Então não há motivo para preocupação? Sim. Há. A habilidade das crianças em trazer coerência a um mundo de diferenças depende da presença de profissionais com as qualificações necessárias para controlar o seguinte: as relações das crianças umas com as outras e a integração dos mundos diferentes de cada criança em uma única entidade.

As teorias aplicadas em muitos centros dinamarqueses, baseadas em grande parte nos desejos e necessidades das próprias crianças, evidenciam que os centros são necessários para ajudar as crianças a construir uma rede cada vez mais complexa de relações sociais, tanto com adultos, quanto com crianças. Ou seja, os centros ajudam as crianças a criar coerência em suas próprias vidas.

Conclusão

Este artigo apresenta diversos exemplos de como levar a sério os pontos de vista e opiniões, mesmo de crianças muito pequenas sobre suas próprias vidas. Os exemplos também refletem (em parte) as opiniões das crianças sobre a qualidade do seu cotidiano.

Os exemplos deste artigo mostram que mesmo crianças pequenas têm opiniões consistentes sobre sua vida diária e há forte evidência de que você pode melhorar as condições de vida das crianças ouvindo e aceitando as suas opiniões. Quando nós falamos de qualidade nos centros, é então importante não apenas ouvir as tradicionais opiniões dos adultos, mas também perguntar às próprias crianças, pois elas têm coisas importantes para nos dizer.

Como descobrir as opiniões das crianças está exemplificado neste artigo. Não há uma maneira correta de fazer isso, mas é importante experimentar modos diferentes para por em discussão as opiniões das crianças. A conveniência dos

métodos diferentes para este fim depende muito da idade delas. Quanto mais jovem elas são, mais você deve usar métodos que são mais indiretos do que apenas perguntar às crianças diretamente. Todavia, ao desenvolver métodos, o mais importante é adotar uma atividade aberta e ouvir o que as crianças têm a dizer.

Se você não vai apenas experimentar com o fato de dar influência às crianças, mas também quer manter a influência já obtida, você deve construir estruturas e procedimentos para isso. Quando este artigo diz pouco sobre estrutura e procedimentos não é porque isso não seja importante. Porém, mais importante são o espírito cultural e as idéias que os adultos numa certa sociedade têm sobre as crianças. O desejo de ouvir e envolver mais as crianças origina-se da prática cultural. No período seguinte⁷ esta prática deixará marcas na forma de estruturas e procedimentos que podem garantir o envolvimento das crianças.

É importante enfatizar que todos os exemplos deste artigo, dizem respeito ao contexto dinamarquês. Em outras circunstâncias e outras culturas, crianças podem ter desejos e necessidades diferentes. Isto não significa que os resultados são a imagem da sociedade dinamarquesa como um todo.

Aqui também esforços muito maiores são necessários antes que seja dada atenção suficiente às opiniões das crianças. Todavia, os exemplos pelo menos indicam uma conclusão que é aplicável internacionalmente: é importante considerar crianças como especialistas quando se trata de suas próprias vidas, muito mais do que temos considerado até agora.

⁷ N.T. Rerefundo-se às séries ou turmas subseqüentes que a criança irá freqüentar.

